



MULHERES DOS CAFÉS NO BRASIL

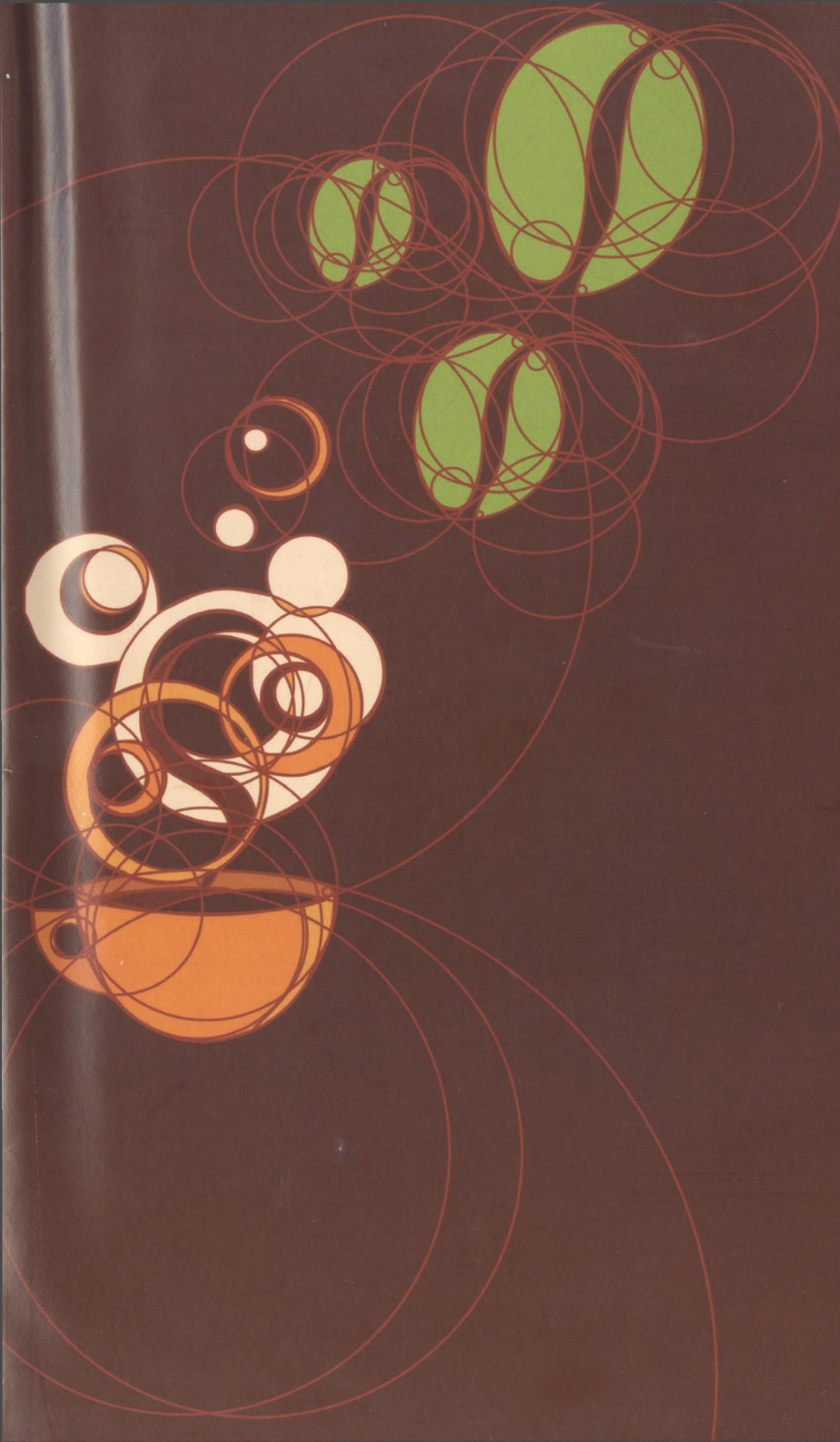
WOMEN IN COFFEE IN BRAZIL

Cristina Arzabe
Josiane Cotrim Macieira
Raquel Santos Soares Menezes
Danielle Pereira Baliza
Tânia Fontenele Mourão

Editoras técnicas
Technical Editors



Embrapa



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Café
Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento*

Aliança Internacional das Mulheres do Café – IWCA Brasil

*Brazilian Agricultural Research Corporation
Embrapa Coffee
Ministry of Agriculture, Livestock and Food Supply*

International Women's Coffee Alliance – IWCA Brazil

MULHERES DOS CAFÉS NO BRASIL

WOMEN IN COFFEE IN BRAZIL

Cristina Arzabe
Josiane Cotrim Macieira
Raquel Santos Soares Menezes
Danielle Pereira Baliza
Tânia Fontenele Mourão

Editoras técnicas
Technical Editors

*Embrapa
Brasília, DF
2018*

Ana Paula Marques da Silva

Técnica em Meio Ambiente, discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG

Environmental expert, undergraduate student at Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG, Brazil

Andressa Cristina Zamboni Machado

Agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora científica do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR

Agronomist, doctor in Agronomy, researcher at Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR, Brazil

Aryane Kovacs Fernandes

Graduada em História, especialista em Patrimônio e História, colaboradora do Museu Histórico de Londrina, Londrina, PR

Bachelor in History, specialist in Heritage and History, collaborator of Museu Histórico de Londrina, Londrina, PR, Brazil

Brígida Salgado

Biblioteconomista, especialista em Gestão em Informação Tecnológica, presidente da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil), Piatã, BA

Librarian, specialist in Information Technology Management, president of International Women's Coffee Alliance (IWCA) Brazil, Piatã, BA, Brazil

Camila Rafaela Gomes Dias

Licenciada em Matemática, mestranda em Estatística Aplicada e Biometria, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG

Bachelor in Mathematics, graduate student in Applied Statistics and Biometrics, Viçosa, MG, Brazil

Cíntia Mara Lopes de Souza

Graduada em Economia Doméstica, especialista em Políticas Públicas, extensionista do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-PR), Pinhalão, PR

Bachelor in Home Economics, specialist in Public Policies, social inclusion outreach worker at Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-PR), Pinhalão, PR, Brazil

Cristina Arzabe

Bióloga, doutora em Ciências Biológicas, pesquisadora da Embrapa Café, Brasília, DF

Biologist, doctor in Biological Sciences, researcher at Embrapa Café, Brasília, DF, Brazil

Danielle Pereira Baliza

Agrônoma, doutora em Agronomia, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG

Agronomist, doctor in Agronomy, professor at Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG, Brazil

Doralice de Fátima Cargano

Pedagoga e psicóloga, especialista em Comportamento Organizacional e Psicologia Organizacional e do Trabalho, colaboradora do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR

Pedagogue and psychologist, specialist in Organizational Behaviour and Organizational and Labour Psychology, collaborator at Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR, Brazil

Fernanda Junia Dornela

Administradora, doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG

Business consultant, graduate student in Business Management at Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, MG, Brazil

Fernanda Marques Correa

Graduada em Ciências Sociais, bolsista da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA

Social Sciences undergraduate student, scholarship holder at Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brazil

Helena Maria Ramos Alves

Agrônoma, Ph.D. em Avaliação da Terra e Ciência do Solo, pesquisadora da Embrapa Café/Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG

Agronomist, Ph.D. in Land Evaluation and Soil Sciences, researcher at Embrapa Café/Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG, Brazil

Helery Moraes

Administradora de empresas e agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora científica do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR

Business consultant and agronomist, doctor in Agronomy, researcher at Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR, Brazil

Humberto Paiva Fonseca

Graduando em Geografia, bolsista de Iniciação Científica da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG

Geography undergraduate student, scholarship holder from Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG, Brazil

Izaura Marlene Galvanini Salton

Administradora de empresas, especialista em Gestão Pública e Gestão de Projetos, analista em Ciência e Tecnologia do Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR

Business consultant, specialist in Public Administration and Project Management, science and technology analyst at Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR, Brazil

Josiane Cotrim Macieira

Jornalista, mestre em Comunicação Política, presidente fundadora da Aliança Internacional das Mulheres do Café (IWCA Brasil), Brasília, DF

Journalist, master in Political Communication, founding member of International Women's Coffee Alliance (IWCA) Brazil, Brasília, DF, Brazil

Julia Nogueira

Graduada em Geografia, estagiária na UnB TV, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF

Bachelor in Geography, intern at UnB TV, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brazil

Lídia Maria Soares Cardel

Graduada em Ciências Sociais, doutora em Antropologia Social, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA

Bachelor in Social Sciences, doctor in Social Anthropology, professor at Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brazil

Luciana Soares de Moraes

Graduada em Economia Doméstica, mestre em Políticas Públicas, extensionista do Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-PR), Ibaiti, PR

Bachelor in Home Economics, master in Public Policies, social inclusion outreach worker at Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-PR), Ibaiti, PR, Brazil

Lucylanne Oliveira da Silva

Graduada em Ciências Sociais, bolsista da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA

Bachelor in Social Sciences, scholarship holder at Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brazil

Luiza Andrade Zenith

Técnica em Meio Ambiente, discente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG

Environmental specialist, student at Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG), Bom Sucesso, MG, Brazil

Maiara Maria de Jesus Santos

Graduanda em Ciências Sociais, bolsista da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA

Social Sciences undergraduate student, scholarship holder at Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brazil

Margarete Marin Lordelo Volpato

Engenheira florestal, pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG

Forestry engineer, researcher at Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG, Brazil

Maria Beatriz Nader

Graduada em História, pós-doutora em Sociologia Política, professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Vitória, ES

Bachelor in History, postdoc in Political Sociology, professor at Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) and coordinator of the Gender, Power and Violence Studies Laboratory (LEG/Ufes), Vitória, Espírito Santo, Brazil

Maria Salete Souza de Amorim

Graduada em Ciências Sociais, doutora em Ciência Política, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA

Bachelor in Social Sciences, doctor in Political Sciences, professor at Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brazil

Marisa Alice Singulano

Graduada em Ciências Sociais, doutora em Sociologia, professora da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Ouro Preto, MG

Bachelor in Social Sciences, doctor in Sociology, professor at Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop), Ouro Preto, MG, Brazil

Nathalie Guimarães

Jornalista, especialista em Comunicação Empresarial, assessora de comunicação regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MG), Viçosa, MG

Journalist, specialist in Business Communication, consultant in regional communication at Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MG), Viçosa, MG, Brazil

Nicole Gobeth

Engenheira florestal, coordenadora dos programas de café e gênero da Solidaridad, São Paulo, SP

Forest engineer, coordinator of Solidaridad's coffee and gender programmes, São Paulo, SP, Brazil

Patrícia Helena Santoro

Agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora científica do Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR

Agronomist, doctor in Agronomy, scientific researcher at Instituto Agronômico do Paraná (Iapar), Londrina, PR, Brazil

Quezia de Souza Boaventura

Administradora de Empresas, Rio Paranaíba, MG

Management Consultant, Rio Paranaíba, MG, Brazil

Raquel Santos Soares Menezes

Administradora de empresas, doutora em Administração, professora adjunta da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Rio Paranaíba, MG

Management consultant, doctor in Administration, professor at Universidade Federal de Viçosa (UFV), Rio Paranaíba, MG, Brazil

Renata Kelly da Silva

Jornalista, especialista em Comunicação e Marketing, analista da Embrapa Rondônia, Porto Velho, RO

Journalist, specialist in Communication and Marketing, analyst at Embrapa Rondônia, Porto Velho, RO, Brazil

Ricardo de Oliveira Abu Hana

Graduado em Ciência da Computação, mestre em Informática Aplicada, analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros, Rio Largo, AL

Bachelor in Computer Sciences, master in Applied Informatics, analyst at Embrapa Tabuleiros Costeiros, Rio Largo, AL, Brazil

Sara Maria Chalfoun de Souza

Agrônoma, doutora em Agronomia, pesquisadora da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG

Agronomist, doctor in Agronomy, researcher at Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Lavras, MG, Brazil

Sérgio Parreiras Pereira

Agrônomo, doutor em Agronomia, pesquisador do Instituto Agronômico de Campinas (IAC), Campinas, SP

Agronomist, doctor in Agronomy, researcher at Instituto Agronômico de Campinas (IAC), Campinas, SP, Brazil

Silvana Maria Novais Ferreira Ribeiro

Agrônoma, gerente regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MG), Viçosa, MG

Agronomist, regional manager at Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-MG), Viçosa, MG, Brazil

Taiane Vanessa da Silva

Graduada em História, mestranda em História Social, colaboradora do Museu Histórico de Londrina, Londrina, PR

Bachelor in History, graduate student in Social History, collaborator at Museu Histórico de Londrina, Londrina, PR, Brazil

Tânia Fontenele Mourão

Economista, mestre em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações, coordenadora do Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher (Ipam), Brasília, DF

Economist, master in Social, Labour and Organizational Psychology, coordinator at Instituto de Pesquisa Aplicada da Mulher (Ipam), Brasília, DF, Brazil

Thalyta Varejão Miranda

Graduanda em Geografia, bolsista de iniciação científica da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG

Geography undergraduate student, scholarship holder from Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG

Viviani Silva Lirio

Economista, doutora em Economia Rural, professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG

Economist, doctor in Rural Economy, professor at Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brazil

Williams Pinto Marques Ferreira

Agrometeorologista, doutor em Engenharia Agrícola, pesquisador da Embrapa Café/Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG

Agrometeorologist, doctor in Agricultural Engineering, researcher at Embrapa Café/Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (Epamig), Viçosa, MG, Brazil

Capítulo / Chapter 1	16	A gênese da Aliança Internacional das Mulheres do Café no Brasil: fazendo história The birth of the International Women's Coffee Alliance in Brazil: making history
Capítulo / Chapter 2	22	Perfil das mulheres que atuam no sistema agroindustrial do café no Brasil (fase 1) Profile of the women working in the coffee sector in Brazil (phase 1)
Capítulo / Chapter 3	40	Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar Women's work and motherhood in the coffee fields: an account based on the oral memory of women in family farming
Capítulo / Chapter 4	56	Participação das mulheres na evolução do café das Matas de Minas Women's participation in the evolution of coffee in Mata de Minas
Capítulo / Chapter 5	68	A mulher e o rural na cafeicultura das Matas de Minas Women and the rural environment – coffee sector in Matas de Minas
Capítulo / Chapter 6	82	A força das mulheres na cafeicultura das Matas de Minas The strength of women in the Matas de Minas coffee sector
Capítulo / Chapter 7	92	Mulheres da cafeicultura no Cerrado Mineiro: desafios e possibilidades Women coffee growers in the Cerrado Mineiro: challenges and opportunities
Capítulo / Chapter 8	114	Narrativas de mulheres do café no Cerrado Mineiro: trajetórias comuns? Narratives of the coffee women in Cerrado Mineiro: common trajectories?

Sumário / Table of contents

Capítulo / Chapter 9	136	Perfil das mulheres na cafeicultura das regiões Oeste de Minas e Campo das Vertentes no Estado de Minas Gerais Profile of women in the coffee sector in the regions of Oeste de Minas and Campo das Vertentes, State of Minas Gerais, Brazil
Capítulo / Chapter 10	162	Núcleos femininos de trabalhadoras do café no Espírito Santo Women coffee workers' centres in Espírito Santo, Brazil
Capítulo / Chapter 11	192	A mulher faz a diferença: a relevância do trabalho das mulheres na cafeicultura familiar no Norte Pioneiro do Paraná Women make the difference: the importance of women's work in coffee family farming in Norte Pioneiro, Paraná, Brazil
Capítulo / Chapter 12	216	Memórias de uma trabalhadora do café no norte do Paraná (1950–2017) Memoirs of a woman coffee worker from the north of Paraná State, Brazil (1950–2017)
Capítulo / Chapter 13	246	O protagonismo das mulheres do café na agricultura familiar: o caso de Piatã e Abaíra, Chapada Diamantina, BA The active role of women in family coffee farming: the case of Piatã and Abaíra, Chapada Diamantina, Bahia State, Brazil
Capítulo / Chapter 14	266	Aspectos sobre a atuação das mulheres no setor do café em Rondônia Aspects of women working in the coffee sector of Rondônia, Brazil
Capítulo / Chapter 15	282	Uma abordagem de gênero no universo da pesquisa sobre café A gender approach to coffee research
Capítulo / Chapter 16	292	Instituto Agronômico do Paraná: ciência, gênero e café Agricultural Research Institute of Paraná: science, gender and coffee
Capítulo / Chapter 17	310	Sabores, aromas e fragrâncias: as classificadoras e degustadoras de cafés do Paraná Flavours, aromas and fragrances: coffee classifiers and tasters of Paraná State, Brazil

CAPÍTULO 3

Trabalho feminino e maternidade nas lavouras de café: um relato a partir da memória oral de mulheres da agricultura familiar

CHAPTER 3

Women's work and motherhood in the coffee fields: an account based on the oral memory of women in family farming

Tania Fontenele
Cristina Arzabe
Julia Nogueira

"Quando podemos lembrar de nós mesmas através de nossas criações culturais, ações, ideias, panfletos, organização, história, teoria, começamos a integrar uma nova realidade." Sheila Rowbotham (1973 citada por Lauretis, 1993, p. 122)

A cafeicultura no Brasil pode ser considerada uma das maiores fontes de geração de emprego e renda familiar da economia agrícola, cumprindo importante função social. Constatamos, entretanto, grande invisibilidade de estudos sociais e históricos sobre a atuação das mulheres no sistema agroindustrial do café no Brasil. O País carece de dados de pesquisa com a perspectiva de gênero no setor cafeeiro, em todas as suas etapas.

Com o intuito de contribuir para o conhecimento sobre a atuação das mulheres na área da produção rural, iniciamos em 2016 um projeto para pesquisa e realização de um video-documentário sobre a temática. A pesquisa envolve entrevistas individuais tanto com mulheres proprietárias rurais da agricultura familiar como com mulheres que trabalham em regime de parceria agrícola ou ainda como diaristas ou assalariadas em Minas Gerais e Espírito Santo (fase 1). O objetivo é registrar e apresentar as rotinas, dificuldades e alegrias de ser mulher nessa atividade.

Ressalta-se a importância da realização desse trabalho por se tratar de algo inédito no Brasil e pela oportunidade ímpar de recuperar a história do café pela perspectiva de gênero.

Pretende-se, dessa forma, contribuir para a preservação histórica das memórias femininas dentro do sistema agroindustrial do café e fornecer dados para o delineamento de políticas públicas eficientes que possam valorizar e apoiar o trabalho dessas mulheres. Assim, buscamos fomentar ações sistemáticas de pesquisa e inclusão do tema "gênero" nas discussões desse e de outros sistemas agroindustriais no Brasil e no mundo.

"When we can look back at ourselves through our own cultural creations, our actions, our ideas, our pamphlets, our organization, our history and our theory, we begin to integrate a new reality." Sheila Rowbotham (1973 cited Lauretis, 1993, p. 122, our translation).

The coffee sector in Brazil can be thought of as one of the main sources of employment and family income in agriculture, playing an important social function. However, the role of women within the Brazilian coffee sector is largely invisible in social and historical studies. Unfortunately, there is not enough research in Brazil that approaches the coffee sector through a gender perspective, in all its stages.

In 2016, a research project and a video documentary were launched on this topic, aiming to contribute to studies focused on knowledge on the role of women in rural production. The research involved individual interviews with female family farmers and women landowners, as well as women working as sharecroppers, casual workers or wage-earners in Minas Gerais and Espírito Santo (phase 1). The aim was to record and present their daily routines, difficulties and the satisfaction these women get from working in this sector.

It is essential to highlight the innovative nature of this study in Brazil. It provides a unique opportunity to recover the history of coffee from a gender perspective.

This article seeks to contribute toward the historical preservation of women's memoirs in the coffee agribusiness and provide data to develop efficient public policies that will value and support the work of these women. In this way, we hope to promote systematic research and the inclusion of gender in the discussions on coffee and other agribusinesses in Brazil and the world.

Cafeicultura e modalidades de produção

À semelhança de outros produtos da agropecuária brasileira, a cafeicultura é realizada por duas modalidades de produção que a caracterizam em seu conjunto: a agricultura familiar e a não familiar. Os agricultores familiares são aqueles que, conforme a Lei nº 11.326, de 24/7/2006 (Brasil, 2006), administram seus estabelecimentos ou empreendimentos rurais contando com a força de trabalho dos membros de sua família (além de atenderem a uma série de outros requisitos). Segundo dados do último Censo Agropecuário, ocorrido em 2006, no início dos anos 2000 a agricultura familiar correspondia a 84,4% das propriedades rurais brasileiras (378 mil propriedades, aproximadamente), com tamanho médio de área de 19 ha. Do total de quase 287 mil estabelecimentos dedicados à cafeicultura no País nessa época, mais de 230 mil estavam compreendidos no âmbito da agricultura familiar, o que representava cerca de 80% do total (IBGE, 2016).

O Banco Central caracterizou esse tipo de agricultor (Resolução 2.191/95) (Banco Central do Brasil, 1995, art. 2º) para poder regulamentar a utilização dos recursos públicos disponibilizados pelo Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf – Decreto 1.946/96), que teve entre seus beneficiários apenas 7,0% de mulheres no período entre 1996 e 2002, segundo Paulilo (2004). Conforme dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2005 citado por Spanevello et al., 2016), nos planos safra 2001/2002 e 2002/2003, do total de recursos disponibilizados, 10,4% e 10,5% foram para mulheres, respectivamente. Nos planos safra 2003/2004 e 2004/2005, observou-se ligeiro aumento, com 16,4% e 16,6% das operações de crédito encaixadas por mulheres, respectivamente.

Tomando como exemplo o Estado do Paraná, pode-se constatar um aumento no acesso ao Pronaf por parte das mulheres. Entre os beneficiários que acessaram o Pronaf em

Coffee growing and modes of production

Like other Brazilian agricultural products, coffee is produced in two ways, through family and non-family-based agriculture. According to Act No. 11.326, of 24/7/2006 (Brasil, 2006), family farms are establishments or rural enterprises that rely on the workforce of family members (although there are other requirements). According to the last Agricultural Census, conducted in 2006, at the beginning of the 2000s, family farms corresponded to 84.4% of all Brazilian rural properties (approximately 378,000 properties) with an average area of 19 hectares. Of a total of almost 287,000 coffee-growing properties, over 230,000 were family farms, representing almost 80% of the total (IBGE, 2016).

The Brazilian Central Bank defined this class of grower (Resolution 2.191/95) (Banco Central do Brasil, 1995, art. 2º) in order to regulate the use of public resources made available via National Programme to Strengthen Family Farming (Pronaf) (Brasil, 1996). However, according to Paulilo (2004), only 7.0% of the programme's beneficiaries, between 1996 and 2002, were women. Data from the Ministry of Agrarian Development (2005 cited Spanevello et al., 2016) shows that, in the 2001/2002 and 2002/2003 harvest plans, women were granted 10.4% and 10.5% of the total resources, respectively. In the 2003/2004 and 2004/2005 harvest plans, there was a small increase and 16.4% and 16.6% of funds, respectively, went to women.

However, taking as an example the State of Paraná, it is possible to question this increase in the access of women to Pronaf funds.

sete safras, apenas 3% são mulheres, enquanto, entre os que acessaram de três a seis vezes, o número fica em torno de 10% (Figura 1). No grupo que acessou o Pronaf duas vezes, as mulheres representam 16%. Já entre aqueles que acessaram o Pronaf apenas uma vez, a proporção é de 23% de mulheres (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, 2006).

De acordo com Butto (2011), as mulheres encontram limitações para ter um acesso ampliado e qualificado ao Pronaf em razão da limitada autonomia econômica e da restrita possibilidade de gerenciamento dos recursos, uma vez que ainda encontram dificuldades para dominar os espaços de gestão e comercialização da produção. Entre as razões para a ausência de autonomia entre as mulheres no campo, está a crença, por parte de muitas delas, de que “os homens são os que sabem de negócios” (Hernández, 2009, p. 146).

Among the Pronaf beneficiaries that accessed it seven harvests in a row, women represented only 3%. However, when analysing women who accessed the fund between three and six times, this figure rose to 10% (Figure 1). Among the group of people that accessed Pronaf only twice, women represented 16%, and of those who accessed it only once, they represented 23% (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, 2006).

According to Butto (2011), there are barriers to women’s long-term and quality access to Pronaf. This is because of their limited economic independence and restricted capacity to manage resources, given that they still find it difficult to deal with areas such as management and sales. One of the reasons for the lack of independence of rural women is their own belief that it is “the men who understand business” (Hernández, 2009, p. 146).

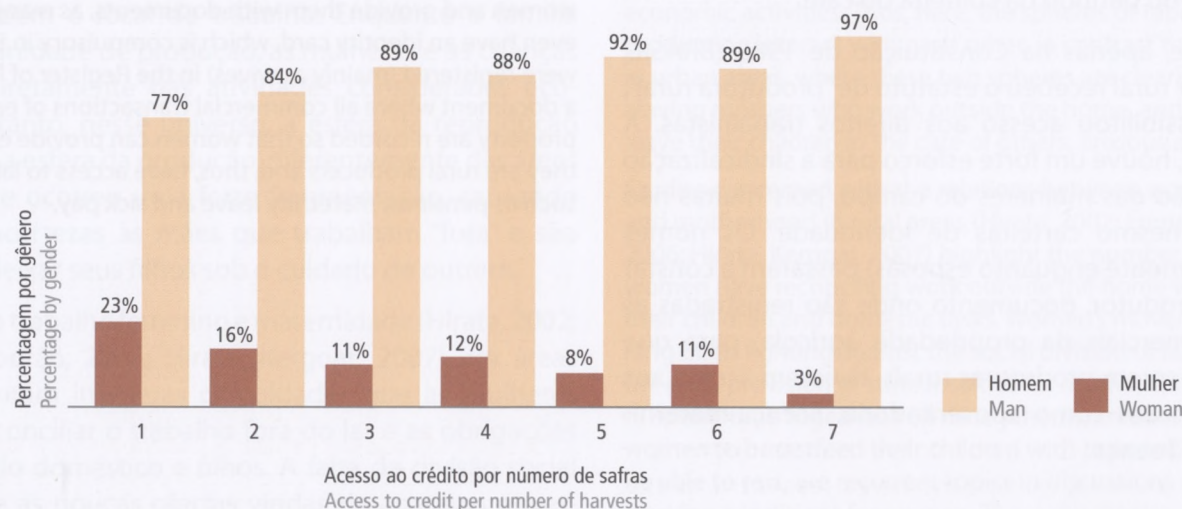


Figura 1. Distribuição de gênero por número de safras em que houve acesso ao crédito (percentual por gênero sobre total de benefícios, por número de safras) no Estado do Paraná.

Fonte: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (2006).

Figure 1. Gender distribution by the number of harvest seasons when there was access to credit (percentage by gender for all benefits, per number of harvests) in the State of Paraná, Brazil.

Source: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (2006).

Com relação à condição legal das terras dos estabelecimentos explorados pelos produtores, o Censo Agropecuário de 2006 identificou cinco categorias de cafeicultores: proprietários, arrendatários, parceiros, ocupantes e assentados (IBGE, 2016).

Neste artigo, as mulheres entrevistadas estão na condição de proprietárias de pequenas propriedades rurais ou trabalhando em parceria. Como produtores-parceiros são considerados aqueles a que, por meio de um contrato agrário de parceria rural, é cedido o uso de terras pertencentes a terceiros (proprietários). Nessa modalidade de contrato de trabalho, produtores-parceiros e produtores-proprietários compartilham riscos, produtos e lucros da produção. A partilha desses resultados deve obedecer às proporções cabíveis a cada uma das partes, previamente estipuladas no contrato agrário de parceria rural. Eventualmente, mulheres proprietárias ou que trabalham na condição de parceiras aumentam sua renda trabalhando em terras de outros proprietários, especialmente no período da colheita do café.

Ressalta-se que, apenas na Constituição de 1988 (BRASIL, 1988), a mulher rural recebeu o estatuto de "produtora rural", o que lhe possibilitou acesso aos direitos trabalhistas. A partir de então, houve um forte esforço para a sindicalização e documentação das mulheres do campo, pois muitas não tinham nem mesmo carteiras de identidade. Os nomes delas (especialmente enquanto esposas) passaram a constar no Bloco do Produtor, documento onde são registradas as transações comerciais da propriedade agrícola, para que elas, provando serem produtoras rurais, tivessem acesso aos direitos trabalhistas como aposentadoria, licença-maternidade e auxílio-doença.

With regard to the legal status of the land where coffee is grown, the 2006 Agricultural Census identified five categories of coffee grower: landowners, tenants, sharecroppers, occupiers and settlers (settled by agrarian policy) (IBGE, 2016).

The women interviewed for this article were either owners of small rural properties or sharecroppers. Sharecroppers are individuals who, through a rural partnership agricultural contract, are granted the use of land belonging to a third party (the owners). In this type of working arrangement, sharecroppers and owner-growers share the risks, products and profits of production. Production must be divided between each party according to the partnership agricultural contract established beforehand. In addition, many female landowners or sharecroppers supplement their income by working for other landowners, especially during the coffee harvest period.

It is important to highlight that it was only after the adoption of the 1988 Brazilian Constitution (Brasil, 1988) that rural women were granted the status of "rural producers", providing them with labour rights. From then on, efforts were made to unionize rural women and provide them with documents, as many did not even have an identity card, which is compulsory in Brazil. They were registered (mainly as wives) in the Register of Producers, a document where all commercial transactions of each rural property are recorded so that women can provide evidence that they are rural producers and, thus, have access to labour rights such as pensions, maternity leave and sick pay.

Espaço doméstico e espaço de produção

“Os homens trabalham 8 horas e as mulheres, 4, por causa do serviço de casa.” A concepção registrada por Paulilo (2004, p. 245) mostra a discriminação que é não considerar as lidas femininas, na casa ou no campo, como trabalho. “A desvalorização das múltiplas tarefas femininas nas estatísticas oficiais – daí a expressão ‘trabalho invisível’ – é um reflexo da desvalorização que perpassa toda a sociedade e suas principais instituições, incluindo a família.” (Paulilo, 2004, p. 235).

No entanto, a típica separação entre espaço doméstico e espaço de produção, que ocorre nas cidades, não é percebida de forma tão clara na agricultura familiar. Silvestro et al. (2001) ressaltam que, na agricultura familiar, não há separação entre negócio e família, e o local de residência, muitas vezes, é também o local de trabalho. Enquanto a família existe como unidade de produção, as mulheres e as crianças participam diretamente das atividades consideradas econômicas. Portanto, nesse universo, a esfera da reprodução interage com a esfera da produção, diferentemente das áreas urbanas, onde ocorreu uma forte fragmentação, causando angústia e incertezas às mães que trabalham “fora” e são obrigadas a deixar seus filhos sob o cuidado de outrem.

Estudos sobre trabalho feminino e maternidade (Hirata, 2002; Fontenele-Mourão, 2006; Hirata; Kergoat, 2007) em áreas urbanas apontam inúmeras dificuldades que as mulheres sofrem para conciliar o trabalho fora do lar e as obrigações com o cuidado doméstico e filhos. A falta da divisão social do trabalho e as poucas ofertas vindas de aparatos governamentais de espaços de convivência para mães e filhos são antigas reivindicações dos movimentos das mulheres. Escolas integrais, creches e locais de repouso para as mulheres poderem amamentar seus filhos com tranquilidade e ter momentos de repouso são temas recorrentes nas discussões sobre melhorias das condições de trabalho feminino, que

The domestic space and the production space

“Men work 8 hours and women 4 because of their domestic duties.” This perception, as recorded by Paulilo (2004, p. 245), shows discrimination in practice when tasks traditionally associated with women, whether in the field or at home, are not considered work. “The fact that many tasks performed by women are not accounted for in official statistics – thus the expression ‘invisible work’ – reflects their lack of worth in the eyes of society and its main institutions, including the family” (Paulilo, 2004, p. 235).

However, the traditional separation between the domestic and the production spheres that occurs in cities is not so clear in the case of family-based agriculture. Silvestro et al. (2001) argue that in family-based agriculture there is no separation between business and the family and, often, the place of residence is also the workplace. Given that the unit of production is the family, women and children participate directly in what are considered economic activities. Thus, here, the spheres of reproduction and production interact with each other, in contrast to what occurs in urban areas, where these two spheres are clearly separated, leaving mothers who work outside the home, and are forced to leave their children in the care of others, anxious and insecure.

Studies concerned with the relations between women’s work and motherhood in rural areas (Hirata, 2002; Fontenele-Mourão, 2006; Hirata; Kergoat, 2007) highlight the number of difficulties women have reconciling work outside the home with caring for their children and domestic tasks. Women’s movements have long been fighting against the social division of labour and the poor provision of state facilities for mothers and children to spend time together. Full-time schools, creches, places for women to breastfeed their children with peace of mind and be able to rest, are recurrent topics in discussions about better working conditions for women. These mechanisms can lead to greater productivity and reduce the occurrence of mental health problems.

In this article, we present extracts of interviews which reveal the relationship between domestic tasks and agricultural production. We also show how learning and knowledge of tasks related to coffee growing and post-harvest activities are passed down from

sejam capazes de gerar mecanismos de maior produtividade e diminuir a ocorrência de doenças psíquicas.

Neste artigo, apresentamos trechos das entrevistas com relatos sobre as relações entre afazeres domésticos e a lida no campo, e sobre o aprendizado dos saberes, isto é, das tarefas relativas à produção e pós-colheita do café aprendidas com mães e avós, a partir da observação *in loco* e da participação ativa ainda na infância.

As diferenças encontradas e apresentadas neste artigo com relação ao *modus vivendi* dessas mulheres em contraposição àquele das mulheres que vivem e trabalham nos centros urbanos serão abordadas mais em termos de diversidade do que em termos de desigualdade. Assim, estamos de acordo com Paulilo (2004) sobre a necessidade de aprender a conviver com um maior pluralismo e de investir menos esforços na tentativa de uma "unificação".

Se historicamente o "sujeito universal" é masculino e uma concepção machista está embutida na construção do que é trabalho, este artigo visa dar uma contribuição a partir de um olhar feminino sobre trabalho e maternidade, com ênfase nas falas das mulheres. Percebe-se que a concepção feminina sobre seu trabalho e sua contribuição aparece marcadamente objetiva e visível, diferenciada do que aparentemente a literatura nos faria crer, no sentido de serem as mulheres meras coadjuvantes ou simplesmente não estarem presentes em parte alguma do sistema agroindustrial do café no Brasil. A percepção das mulheres é muito clara com relação ao seu papel como sujeito ativo em todas as fases do processo de produção. Segundo Paulilo (2004, p. 234), mulheres da agricultura familiar que foram questionadas sobre o quesito herança, por exemplo, consideraram que "trabalharam tanto quanto seus irmãos na terra dos pais". Portanto, essas mulheres não apoiaram suas reivindicações de acesso à herança na ideia de igualdade de gênero nem no fato de serem filhas legítimas de seus pais, mas no fato de terem trabalhado para manter e mesmo aumentar o patrimônio familiar, "[...] tanto quanto seus irmãos [...]".

mothers and grandmothers through *in loco* observation and active participation during childhood.

The differences found and presented in this article with regard to the *modus vivendi* of rural women, in contrast to women who live and work in the urban centres, will be discussed more specifically in terms of diversity than inequality. Thus, we agree with Paulilo (2004) on the need to learn to live with greater pluralism and invest less in attempting "unification".

Historically, the "universal subject" is male, and a chauvinistic conception is imbued in the construction of the term "work". In this article, our contribution takes a female perspective on work and motherhood, focusing on the spoken accounts of women. It can be seen that the female conception of their work and contribution seems highly objective and visible, in contrast to what the literature would have us believe, that is, that women are mere co-helpers and that they are not present in the coffee sector in Brazil. Women have a clear perception of their role as active subjects in all stages of the production process. According to Paulilo (2004, p. 234), when women in family-based agriculture are asked about their heritage, for example, they state that "they have worked as much as their brothers in their parents' land." For these women, their demands of access to their heritage are not based on gender equality, nor on the fact that they are the legitimate daughters of their parents, but on the fact that they have worked to maintain and even increase the family assets "[...] as much as their brothers [...]".

Os Movimentos Autônomos de Mulheres (MMAs) que atuam no campo não fazem discussões conjuntas com os homens. Preferem conversar “entre mulheres”, pois consideram a presença masculina inibidora. No espaço que é só delas, podem falar livremente das desigualdades que lhes são mais cotidianas, as que se reproduzem dentro do grupo familiar, sem que isso seja considerado “bobagem”, “falta de assunto sério” ou “choradeira geral”, porque é comum as mulheres se emocionarem ao exporem, quase sempre pela primeira vez, suas angústias e vê-las compartilhadas (Paulilo, 2004).

Ao se reunirem, preparam-se para entrar no espaço público. Discutem a desigualdade de gênero dentro do grupo familiar e tentam superá-la, preparando-se para entender outras desigualdades e vencê-las também. Buscam e organizam formas de se capacitar de modo que possam se inserir na sociedade de uma maneira mais autônoma.

Material e métodos

Foi utilizada uma metodologia indutiva, partindo de dados particulares da experiência sensível e específica das mulheres para o geral. O conhecimento é construído a partir da experiência, de perceber essas mulheres através de suas próprias percepções de si mesmas enquanto mulheres cafeicultoras. Para alcançar e captar a percepção dessas mulheres, o método escolhido foi a entrevista semiestruturada, em que o pesquisador tem um roteiro ou tópicos para serem preenchidos ou respondidos, como se fosse um guia. A entrevista tem relativa flexibilidade. As questões não precisam seguir a ordem prevista no guia, e novas questões podem ser formuladas no decorrer da entrevista. Mas, em geral, a entrevista segue o planejado. As principais vantagens das entrevistas semiestruturadas são as seguintes: possibilidade de acesso à informação além do que foi proposto, esclarecimento de aspectos da entrevista, orientações e hipóteses para o apro-

The rural women’s autonomous movements (MMAs) active in rural areas do not hold joint discussions with men. They prefer to talk “among women” because they consider the male presence inhibiting. In women-only forums, women can talk freely about the day-to-day inequalities that are reproduced within the family, without being told that this is “rubbish”, that they “don’t have anything serious to talk about”, or that they are “just complaining in general”. Often, women get emotional when they explore and share their worries for the first time (Paulilo, 2004).

These meetings can work as a preparation to enter the public space. They discuss gender inequality within the family group and try to overcome it, getting ready to understand other inequalities and overcome these too. They seek and organize ways of acquiring more skills so that they can be more independent in their dealings with society.

Material and methods

An inductive methodology was used, starting from data about the personal and specific experience of women leading to a more general point of view.

Knowledge is built from experience, by looking at these women from their own perspective as coffee growers. In order to reach and capture their perception, a semi-structured interview was used where the researchers applied a script or list of topics they need to address as a guide. The interview was relatively flexible. Questions did not need to follow a particular order and new questions could be asked as the interview progressed. But, in general, the interview followed the plan. The main advantages of semi-structured interviews are: the ability to access other information, going beyond what was proposed, to clarify certain aspects of the interview, provide guidance or hypotheses to further the investigation and define new strategies and other instruments.

fundamento da investigação e definição de novas estratégias e outros instrumentos.

Para este artigo, foram considerados trechos de nove entrevistas semiestruturadas com mulheres que trabalham nas lavouras de café, nos estados de Minas Gerais (seis) e Espírito Santo (três), as quais estão documentadas em vídeo. A proposta é discutir, a partir dos depoimentos, como as mulheres do campo lidam com o trabalho e a maternidade. As perguntas direcionaram as mulheres a recordarem e contarem sobre sua própria infância ("Sua infância foi no café? Como foi sua infância no café?"), a resgatarem o papel de suas mães e avós ("Sua mãe trabalhava com café? E sua avó?") e a buscarem o resgate de suas próprias experiências como mulheres e mães, e a relação com o trabalho no campo, nos cafezais e nos terreiros de café ("Como é ser mãe de crianças pequenas e trabalhar com café? Como é sua rotina?").

Para o registro das falas, foi usado recurso de filmagem com câmera DSLR Canon 60d e microfone de lapela, pois paralelamente se está trabalhando na produção de um filme-documentário que pretende captar e registrar os depoimentos e servir como referência para futuros trabalhos que busquem materializar a experiência vivida dessas mulheres. A seleção do grupo a ser entrevistado aconteceu de forma orgânica, a partir de contatos prévios com núcleos organizados de pequenas produtoras. As entrevistas tiveram, em média, a duração de 30 minutos. As primeiras entrevistas foram realizadas na frente de familiares ou amigos, mas foi percebida certa inibição por parte das entrevistadas, então passaram a ser realizadas em particular (apenas com a presença do grupo de pesquisa). As entrevistas foram feitas em agosto de 2016, durante viagem realizada a áreas de cultivo de café nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Para preservar o nome das entrevistadas, as autoras definiram utilizar apenas as iniciais de seus nomes, indicando sua ocupação e localidade.

For this article, extracts of nine semi-structured interviews with women working in coffee growing in the states of Minas Gerais (six) and Espírito Santo (three) were used. They were also recorded on video. The idea was to use their statements to discuss how rural women deal with work and motherhood. The questions steered women to remember and recount their own childhood ("Was your childhood in coffee? How was your childhood influenced by coffee?"), and to remember the role of their mothers and grandmothers ("Did your mother work with coffee? Did your grandmother?"), asking them to recall their own experiences as women and mothers, and their relationship with working in the fields, among the coffee plants, and on coffee terraces ("How is it to be a mother of small children and work with coffee? What is your routine like?").

To record their accounts, a DSLR Canon 60d camera was used, together with a clip-on microphone. This is because a film documentary was also being produced to capture and record the statements that will serve as reference for future work to make the life experiences of these women more real. The respondent group was selected in an organic way, through previous contacts made with organized groups of small growers. Interviews lasted on average 30 minutes. The first interviews were conducted in front of family or friends, but it became clear that respondents felt inhibited, so subsequent interviews took place in private, only in the presence of research group members). The interviews took place in August 2016, during a trip to the coffee growing areas in the states of Minas Gerais and Espírito Santo. In order to keep the confidentiality of respondents, the authors decided to use only their initials, stating their occupation and place of residence.

Resultados e discussão

A infância das mulheres é lembrada como um período “dentro do cafezal”. Foi onde brincaram e onde aprenderam sobre esse ambiente, sobre o sistema de manejo, observando suas mães e avós, que, trabalhando, mantinham as crianças por perto, interagindo com elas.

Minha infância foi dentro de um cafezal. Porque naquela época podia, né? Minha mãe já estava no cafezal, minha avó já estava no cafezal. Minha avó ensinou a gente a colher café. Eu com nove anos já abanava café, pra ajudar minha vó, pra ajudar minha mãe. E foi do café que eu tirei pra operar meu filho, pra criar minhas filhas. Tudo o que eu tenho é do café (informação verbal)¹.

Fomos criados no meio da lavoura. Desde pequeninha, eu lembro que minha mãe nos levava todos pra roça. Ela trabalhava direto com café, e nós atrás, todos juntos. Era até divertido. Meus filhos também foram todos criados na roça. Toda vida eu ajudei meu marido na roça e levei meus filhos novinhos pra roça. Meu filho já rolou da rede, pirambeira abaixo. A gente passava uma vida! Porque criança na roça não é fácil, não... Tinha que dar banho, porque se levasse sem dar banho, não dormia. Tinha que dar banho e levar eles limpinhos pra roça, pra eles dormirem. Eles chegavam lá e dormiam. A gente ficava doida pra eles dormirem, pra gente trabalhar. Era difícil... A vida na roça não é fácil, não... (informação verbal)².

No dia em que eu nasci [em 1952], minha mãe trabalhou o dia todo no café. Ela me teve sozinha, de noite, e não tinha luz. Foi meu pai que cortou o meu cordão umbilical. Eu fui criada na lavoura, desde criança (informação verbal)³.

As lembranças que têm de suas mães são de mulheres que trabalhavam com afinco, tanto na sua propriedade como na propriedade de outros produtores, para aumentar a renda e especialmente para comprar itens domésticos. Consideram suas mães exemplos, com quem aprenderam a trabalhar com o café.

¹ D. F. V. A., meeira de São Gonçalo do Sapucaí, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

² M. H. C. E., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

³ C. P. C., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

Results and discussion

The women interviewed remembered their childhood as a time spent “among the coffee bushes”. That is where they played and learned about this environment, about the management system, observing their mothers and grandmothers, who kept the children close to them, interacting with them, as they worked.

My childhood occurred among the coffee bushes. This was OK at the time, wasn't it? My mother was there in the coffee fields, my granny was there. My granny taught us how to pick coffee. When I was nine, I already sieved the coffee, to help my granny, to help mom. And coffee gave me money to pay for my son's surgery, to raise my daughters. Everything I have comes from coffee (oral history, our translation)¹.

We were raised in the middle of the crop. I remember being very little and my mom taking us all to the fields. She worked with coffee all the time, and we were behind her, helping her, all of us. It was even fun. My children were all raised in the fields. I have always helped my husband with the crop and I took my young ones there. My son once fell off the hammock, all the way down the hill. That was really hard! It was not easy to have children in the fields... We had to bathe them first, because if took them without a bath, they would not fall asleep. They had to have a bath and be clean to go to the fields, so they could sleep. Once they got there, they slept. We really wanted them to sleep, so we could work. It was difficult... Life in the fields is not at all easy... (oral history, our translation)².

On the day I was born (in 1952), my mother worked all day in the coffee fields. She had me all alone, at night, there was no light. My dad cut the umbilical cord. I was raised in the fields, right from when I was little (oral history, our translation)³.

The memories they have of their mothers are of women who worked hard, both in terms of the work they did in their own property and in that of other growers, to supplement their income, especially so they could afford to buy domestic goods.

¹ D. F. V. A., sharecropper in São Gonçalo do Sapucaí, MG, Brazil, oral history obtained by the authors in 2016.

² M. H. C. E., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

³ C. P. C., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

Minha mãe trabalhava ajudando na capina, na adubação, para apanhar o café e no terreiro. [...] Além de ajudar meu pai na colheita, ela ainda trabalhava pra fora pra comprar suas coisas, comprar roupa pra nós, um fogão novo, uma mesa nova, o primeiro jogo de cozinha que ela comprou com dinheiro do café, guarda-roupa, forro de cama, toalha de banho, isso tudo minha mãe comprou trabalhando para os outros, colhendo café (informação verbal)⁴.

Minha mãe é uma batalhadora, um exemplo de vida. Eu não aguento o que ela faz. Levanta cedo, faz comida. Eu não aguento... Terreiro eu nunca fiquei... Terreiro é muito pesado pra mim... Mas minha mãe fica no terreiro, cata café, levanta cedo... (informação verbal)⁵.

Minha mãe não tinha essa coisa de esperar, não... Ela nos levava para dentro das lonas de café, nós éramos pequenos... Ela fazia almoço de manhã e partia para a lavoura, a gente com ela. Ela colocava a gente nas barras de café, nós apanhando nas barras e ela apanhando nos galhos. Ela dizia: galhos vocês não precisam apanhar, não, os galhos são comigo. Naquele tempo, as lonas não eram como hoje, eram panos de 'amorim'. Depois que a gente limpava o café, ela levantava aquele saco de café maduro nas costas – não tinha esse negócio de fazer a gente carregar, não. Tudo era por conta dela (informação verbal)⁶.

Minha mãe sempre ia para lavoura. Juntava a criançada toda e ia para a lavoura colher café, ajudando meu pai a colher. E ensinava pra gente o trabalho de colher o café. [...] Minha sogra também levava todos os filhos para a lavoura para colher café. Uma luta muito grande colher o café, chegar em casa e ainda cuidar da criação – naquela época, tinha muito cabrito, muito porco –, e tudo é a mulher que cuida (informação verbal)⁷.

Eu lembro que minha mãe quebrou o braço em plena época da colheita do café. A gente morava na terra dos outros (tocava a lavoura a meia, isto é, trabalhava como meeira) e tinha a obrigação de colher o café, secar e entregar para o patrão a parte dele limpa. E minha mãe com o braço engessado até o ombro, por 84 dias. Eu lembro que ela fez um calo aqui na barriga, porque ela firmava o rodo na barriga, já que não tinha a outra mão para apoiar e não podia deixar o café sem mexer. Quanto sofrimento, mas ela não desistiu, não deixou o café estragar nem foi falar com o patrão que

They talk about the example set by their mothers, from whom they learned to work with coffee.

My mother worked helping to clear the fields, with fertilizers, in the coffee harvest and on the terrace. [...] As well as helping my father during the harvest, she also worked outside the home, to buy things for herself, clothes for us, a new cooker, a new table, the first kitchen set she had, she bought with coffee money, a wardrobe, bedding, towels, all this my mother bought working for others, picking coffee (oral history, our translation)⁴.

My mother is a fighter, an example for us all. I can't do what she does. She gets up early, she cooks. I can't do it... I have never worked on the terrace... The terrace is too hard for me... But my mother is on the terrace, picks coffee, wakes up early... (oral history, our translation)⁵.

My mother never waits around, no... She used to take us under the coffee drying tents, we were little... She made lunch in the morning and left for the fields, we went with her. She would leave us under the coffee bushes, we would pick from there and she would pick from the branches. She would say: you don't have to pick the cherries from the branches, I'll do that. At that time, the drying tents were not as they are now, they were made of cork fabric. After cleaning the coffee, she would lift one of those bags of ripe cherries on her back – she never asked us to carry, no. She did everything (oral history, our translation)⁶.

My mother always went to the fields. She gathered all the children together and went to the fields to pick coffee, helping my father to pick. And she taught us how to pick coffee. [...] My mother-in-law also took all her children to the fields to pick coffee. It was hard work picking coffee, getting home and still having to look after the animals – at the time we had lots of goats, pigs – and it is always the women who look after them (oral history, our translation)⁷.

I remember my mom breaking her arm in the middle of the coffee harvest. We were living in other people's land (the crop was half and half, that is, she was a sharecropper) and she had to pick coffee, dry it and deliver the bosses' part all clean. My mother's arm was plastered to her shoulder for 84 days. I remember she

⁴ P. R. S., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁵ K. F. S. O., cafeicultora de Mutum, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁶ T. B. P., trabalhadora rural de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁷ R. H. D. V., cafeicultora de Luna, ES, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁴ P. R. S., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

⁵ K. F. S. O., coffee grower from Mutum, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

⁶ T. B. P., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

⁷ R. H. D. V., coffee grower from Luna, ES, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

não ia mexer o café porque não podia. Simplesmente ela arrumou um jeitinho, escorava assim, aquilo deu um calo, e ela trabalhando. Na roça, sempre acontece alguma coisa que tenta desanimar a gente, mas com minha mãe isso não resolve, não. Desanima ela, não. Ela sempre consegue superar e seguir em frente (informação verbal)⁸.

Ser mãe de crianças pequenas e trabalhar com café pode ser um período difícil para a mulher, que precisa se dividir entre as duas funções. Algumas mães contam com a ajuda das filhas mais velhas. A percepção de que “o serviço não mata ninguém, só ensina e educa” gera uma reflexão sobre a convivência das crianças com os adultos que trabalham como um período de aprendizagem, no qual brincam e aprendem sobre o café *in loco*, na companhia de seus pais e avós, que se tornam “exemplo de vida” e “mestres” dessa labuta.

É corrido... Eu os levava pra roça... A mais velha [das filhas] ficava tomando conta dos dois menores... Eu rodava café com meu filho em cima do rodo porque ele era muito agarrado comigo... Nunca achei difícil. Eu tinha uma amiga com duas crianças. Ela trabalhava alegre o tempo todo... Se a gente chegasse triste, ela lembrava que esse momento era alegre... Cantava e gritava com aqueles meninos, arrastando lona, era muito legal... E era bastante mulher: moça, mulher, criança, gente assim mais de idade, todas apanhando café (informação verbal)⁹.

Fora das ‘panhas’ é mais tranquilo. Mas durante as ‘panhas’ é acordar cedo todo dia, fazer almoço, lavar roupa, tudo de manhã. Umas 7 horas a gente está saindo para a roça. Chega de noite de novo, cuida das crianças, lava roupa. Vou falar uma coisa: é uma luta! Deitar tarde e acordar cedo todo dia. Os meninos falam lá na roça: mãe, já tem estrela. Está na hora de ir embora (informação verbal)¹⁰.

Esse ano eu só apanhei café um mês, daí encheu o terreiro e eu fiquei no terreiro. Eu acordo cedo e faço o almoço, a merenda, o café... Arrumo as marmitas e mando tudo para a roça. Então, abro as lonas e esparramos o café, e o dia todo é mexer o café. Até cinco horas, quando junto a última ‘lonada’ de café. Daí, eu venho pra dentro de casa, arrumar a cozinha do almoço, fazer a janta, fazer o

got a callous patch on her stomach, because she held the rake on her tummy, as she could not support it with her other hand, and she had to turn the coffee. She suffered a lot, but she did not give up, she didn't leave the coffee to go off, nor did she go and tell the boss she wouldn't turn it because she couldn't. She simply found a way, she raked it that way, it gave her a callus, but she went on working. It is always like this in family farms, there is always something to discourage you. But this has never worked with my mother. She is never discouraged. She always manages to overcome problems and move on (oral history, our translation)⁸.

Being a mother of young children and working with coffee can be very difficult for women who need to divide their time between these two tasks. Some mothers can count on their older daughters for help. The idea that “work does not kill anyone, but only teaches and educates” leads us to think that the communal experiences of children with working adults are periods of learning. They play and learn about coffee *in loco*, near their parents and grandparents, who then become “living examples” and “masters” of this work.

It's a rush... I used to take them to the fields... My eldest (daughter) looked after the two smaller ones... I turned the coffee with my son sitting on the rake, because he was very attached to me... I never found it difficult. I had a friend who had two children. She was always happy at work... If we arrived sad, she reminded everyone that this was a happy time... She sang, and shouted at the children dragging the cloth, it was great fun... And there were many women: young girls, women, children, older people, we all picked coffee together (oral history, our translation)⁹.

Outside picking time, it was easier. But during picking time, we had to get up early every day, make lunch, do the washing, all this in the morning. At around 7 we would leave for the fields. When the evening came again, we had to look after the children, do the washing. I'll say something: it's a struggle! Going to bed late and waking up early every day. In the fields, the children would say: mom, the stars are out. It's time to go (oral history, our translation)¹⁰.

That year, I only picked coffee for a month, and then the terrace was full, and I stayed on the terrace. I wake up early, cook lunch,

⁸ M. J. C., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁹ M. P. S., cafeicultora de Mutum, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

¹⁰ M. H. C. E., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

⁸ M. J. C., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

⁹ M. P. S., coffee grower from Mutum, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

¹⁰ M. H. C. E., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

café, pois quando o pessoal chega, a primeira coisa que quer é o cafezinho (informação verbal)¹¹.

Naqueles tempos, a gente juntava o café no chão e depois tinha que abanar na peneira. No fim do dia, você não tinha cor... Hoje, o café não vai ao chão. Eu abanei muito café, com um barrigão enorme. Tinha 4 filhos e um na barriga quando meu marido faleceu. Passados 15 dias, minha filha nasceu, e 8 dias depois eu já estava na enxada. Meus filhos foram criados no meio da lavoura. Eu levava a pequeninha comigo, cuidava do umbigo dela na roça, três ou quatro vezes por dia. Tudo com muito zelo, a rede dela era muito bonitinha, tudo arrumadinho no mato. Eu saía para a roça às 7h da manhã e chegava em casa às 7h da noite. A noite era para fazer o serviço da casa. Eu levava de tudo para a criançada comer na roça, pipoca, coisinhas. Eles ficavam o dia todo lá. Eu nunca fiquei brava com eles, e eles voltavam alegres para casa. Eles pequenos já sabiam plantar café e como cuidar do café. É difícil, mas melhor do que estamos vendo hoje em dia. Os pais estão trabalhando, e os filhos ficam sozinhos dentro de casa... fazendo o quê? Fazendo coisas erradas, usando drogas. Meus filhos nunca me deram trabalho nenhum, um deles é padre e os outros trabalham na lavoura. O serviço não mata ninguém. Só ensina. Educa (informação verbal)¹².

Sobre o movimento de mulheres, a rede de contatos estabelecida por essas mulheres via participação na comunidade pode ser entendida como um facilitador, pois as prepara melhor para ocupar determinados espaços por muito tempo considerados de domínio masculino, ou seja, o espaço público (Fernandes, 2013). Segundo Paulilo (2004), há um ponto comum aos movimentos de mulheres do campo no Brasil: todos eles discutem questões ligadas à visibilidade da mulher e à necessidade de se imporem como produtoras rurais, não mais preenchendo documentos oficiais com a expressão "do lar" no campo da profissão, como sempre foi o costume.

A gente está mostrando o valor que a mulher tem. Porque antigamente a mulher nem falava que era produtora. Era 'do lar'. Ela trabalhava com café, mas punha no documento que era 'do lar'. Ela não era 'do lar', ela era produtora. Ela ajuda o marido a produzir. Então, ela tem que ter nome de produtora rural, porque na hora de ajudar o marido, ela ajuda aqui, trabalha com café aqui, e chega

snacks, make the coffee... I sort out our lunch boxes and send it all to the fields. Then, I open the cloths and spread the coffee, and it's spreading coffee all day long. Until around five o'clock, when the last "clothfull" of coffee is gathered. Then I come home, sort out the kitchen from lunch, make dinner, then coffee, 'cos when people arrive, the first thing they want is coffee (oral history, our translation)¹¹.

In those days, we picked the coffee from the ground, then we had to turn it in the sieves. At the end of the day, you had no colour left... Today the coffee is no longer on the ground. But I sieved a lot of coffee, even when I was heavily pregnant. I had 4 children, and I was pregnant with my fifth when my husband died. My daughter was born 15 days later and after 8 days, I was already out with a hoe in hand. My children were raised in the middle of the fields. I used to take my little girl with me, I looked after her belly button in the fields, three or four times a day. I took a lot of care, her hammock was so cute, all tidy in the middle of the fields. I left to work at 7 a.m. and arrived back at home at 7 p.m.. Night-time was time for housework. I always took things for the children to eat in the fields, popcorn, little snacks. They would spend all day there. I was never angry with them and they would get back home happy. Even the little ones, they knew how to plant and look after the coffee plants. It was difficult, but it was better than what I see nowadays. Parents work, and children stay at home alone... what are they doing? They do things they shouldn't, like taking drugs. My children were never difficult, one of them is a priest and the others work in coffee. Working does not kill anyone. It only teaches you. It's an education (oral history, our translation)¹².

When women participate in the women's movement, they establish a network that could be understood as an "enabler". It prepares women to occupy spaces which that have for long been considered a male privilege, as was the case of the public sphere (Fernandes, 2013). According to Paulilo (2004), all rural women's movements in Brazil have something in common: they all discuss issues related to the visibility of women and the fact that they need to stress their position as rural producers, by no longer completing official documents with terms such as "housewife", as always used to be the case.

¹¹ M. P. S., cafeicultora de Mutum, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

¹² C. P. C., cafeicultora de Laginha, MG, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

¹¹ M. P. S., coffee grower from Mutum, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

¹² C. P. C., coffee grower from Laginha, MG, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

lá, é só o marido que tem nome de produtor, a mulher não tem. Então, esse núcleo de mulheres com quem estamos trabalhando é para valorizar as mulheres (informação verbal)¹³.

Os depoimentos mostram que o papel da mulher rural ligada à cultura do café se associa tanto às funções do ambiente interno e privado (do lar), como fazer o almoço, o lanche, o café, cuidar da roupa, lavar a louça e cuidar das crianças, quanto às funções do ambiente externo, onde essas mulheres atuam em diversas etapas, como plantar, adubar, capinar, colher e secar o café.

Para que pudessem atuar nessas diferentes etapas, muitas lembram que suas mães e avós as levavam para os plantios, e foi com elas que aprenderam como cultivar e colher o café. Do mesmo modo, essas mulheres, para que pudessem trabalhar e colaborar para o sustento da família, levavam seus filhos para o campo, e as crianças participavam, brincando, observando e imitando os mais velhos. Não se observou uma percepção de conflito entre maternidade e trabalho entre as mulheres entrevistadas, embora considerem que “é uma luta” ou “é muito corrido” o período em que os filhos são pequenos e necessitam de toda atenção.

Considerações finais

É necessário oferecer capacitações exclusivas para mulheres, ministradas por mulheres, sobre temas diversos, incluindo gestão, orçamento e planejamento. Deve-se criar meios para que as crianças possam estar presentes, em locais contíguos, de modo que suas mães possam se capacitar enquanto outras pessoas brincam e cuidam das crianças no momento dos cursos.

We are showing that women are important. Because, before, women did not even say they were growers. They were “housewives”. They worked in coffee but completed forms stating they were “housewives”. They are not “housewives”, they are growers. They help their husbands grow. So, they need to be known as rural producers, because when they need to help their husbands, they are there, they work with coffee, but then, only the husbands are identified as growers, not the women. So, the women’s centres we are working with are there to value women (oral history, our translation)¹³.

The statements show that the role of rural women in coffee cultivation is associated both with work performed in the private sphere, the home environment, such as cooking lunch, snacks, coffee, washing clothes, doing the washing up and childcare, as well as in the public sphere, where women are involved in the various stages of cultivation such as planting, fertilizing, weeding, picking and drying coffee.

To perform the work required at different stages, many recall their mothers and grandmothers taking them to the fields. They learned how to grow and pick coffee from them. Similarly, so that these women could work and help provide for the family, they took their children to the fields, and the children also participated in what was going on, by playing, observing and imitating their elders. No conflict between motherhood and work was observed among the respondents. Although many consider the period when children are very small and in need of fulltime care to be “a struggle” or “rushed”.

Final considerations

It is important that women are taught specific skills by women, on various topics such as management, budgeting and planning. It is essential to find ways for children to be close by, so that their mothers can gain skills, and while they are on the training courses, others look after their children and play with them.

¹³ R. H. D. V., cafeicultora de Luna, ES, informação verbal obtida pelas autoras em 2016.

¹³ R. H. D. V., coffee grower from Luna, ES, Brazil, oral history, obtained by the authors in 2016.

Referências/References

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Resolução nº 2191**. Crédito Rural - Institui o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Brasília, DF, 1995. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/normativos/res/1995/pdf/res_2191_v3_L.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11326.htm>. Acesso em: 17 jul. 2017.

BUTTO, A. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. In: BUTTO, A.; DANTAS, I. (Org.). **Autonomia e cidadania**: políticas de organização produtiva para as mulheres do meio rural. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. p. 11-34.

FERNANDES, S. A. Entraves para inclusão de gênero no Pronaf Mulher no meio rural de Santa Catarina. **Revista Grifos**, n. 34/35, p. 157-175, 2013.

FONTENELE-MOURÃO, T. M. **Mulheres no topo de carreira**: flexibilidade e persistência. Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2006. 91 p.

HERNÁNDEZ, C. O. **Política de crédito rural com perspectiva de gênero**: um meio de "empoderamento" para as mulheres rurais? 2009. 248 f. Tese. (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002. 336 p.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

IBGE. **A geografia do café**: dinâmica territorial da produção agropecuária. Rio de Janeiro, 2016. 133 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ANÁLISES SOCIAIS E ECONÔMICAS. **Relatório Pronaf**: resultados da etapa Paraná. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://www.ibase.br/userimages/pub_pronaf_final4.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2017.

LAURETIS, T. de. Através do espelho: mulher, cinema e linguagem. **Revista Estudos Feministas**, v. 1, n. 1, p. 96-122, 1993. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15993/14488>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PAULILO, M. I. S. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de análise. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 229-252, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2004000100012&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 jul. 2017.

SILVESTRO, M. L.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M. A.; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Brasília, DF: Nead-Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001. 120 p.

SPANEVELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). **Polis: Revista Latinoamericana**, v. 15, n. 44, p. 393-414, 2016.



Embrapa

Café

Patrocinadores:



Solidaridad



Mapa



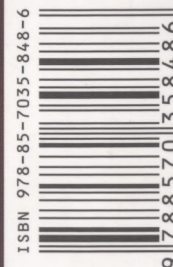
COOPERGÊNERO



SECRETARIA NACIONAL DE
POLÍTICAS PARA AS MULHERES



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



CGPE 14950